



A pandemia e os tempos por vir

Valdemir Pires^{1*}

¹Departamento de Administração Pública, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP, Brasil.

Um espectro ronda o planeta – o espectro do coronavírus. Todas as potências se unem (*ma non tropo*) para conjurá-lo. As armas dessa guerra: vacina, remédios, aparelhos hospitalares – alta e cara tecnologia. Contra um primitivo vírus, que se alastra se aproveitando de aviões, navios e barcos, trens e metrô, ônibus e automóveis, para abalar cidades inteiras, principalmente as sofisticadas metrópoles e megalópoles.

Enquanto governos, centros de pesquisa, laboratórios e a indústria farmacêutica não operam o milagre científico esperado, para cura e prevenção da covid-19, os escudos disponíveis são os mais prosaicos: higiene pessoal (mãos especialmente) e isolamento – água com sabão e caverna.

A pandemia coloca em xeque todo o sistema econômico global, impedindo grandes contingentes de trabalhadores de realizarem suas atividades produtivas (enquanto seguem necessitando de seus salários), sob risco de adoecimento e potencial morte (já que os sistemas hospitalares não conseguem dar conta do volume de contagiados caso o isolamento social não seja praticado). Superar este imenso problema de saúde pública é, então, questão de sobrevivência para os mercados locais, regionais e globais, às voltas com situações totalmente inusitadas, como, por exemplo, a sobra de petróleo e a queda vertiginosa dos preços do barril, a possibilidade de falência de grandes negócios e até de setores produtivos inteiros que dependem de aglomeração de pessoas e de escala (transporte aéreo, turismo, ensino, entretenimento etc.).

Médicos, enfermeiros, farmacêuticos, biólogos, engenheiros, pesquisadores de diversas áreas de conhecimento são os soldados cobiçados para esta guerra em curso. São chamados, agora, não para curar um ou outro doente, mas, pode-se dizer, para resgatar a saúde de todo o sistema econômico global.

Os profissionais das ciências biológicas e exatas certamente darão sua inestimável contribuição para que seja encontrada uma saída a mais rápida possível para a paralisia produtiva prolongada que a pandemia da covid-19 está impondo ao mundo. Mas é certo que há outra “cura” necessária, que não está ao alcance deles: a “cura” dos males de uma forma de organizar a produção/distribuição da riqueza e de estruturar as relações de poder no mundo. O momento exige o repensar das relações mercantil-capitalistas e o modo como estão funcionando as democracias. Tarefa para a Filosofia e as Humanidades – “primas pobres” da atual sociedade do conhecimento (e não da sabedoria), da tecnologia, da informação.

No tocante à economia, quando tudo é reduzido à condição de mercadoria, a garantia da saúde e da vida não pode ser obtida senão comprando-se o que se faça necessário para isso. A indústria farmacêutica, os sistemas hospitalares e os profissionais da área médica, então ofertantes para atendimento de uma demanda por sobrevivência e saúde, desumanizam-se, obrigados a obedecer à lógica sistemática do toma-lá-dá-cá. Quem não tem como pagar, morre ou padece de dores, não importando se suportáveis ou não. Está aí o modelo americano a comprovar. Qual a solução? Deve ser buscada, ninguém a conhece. Mas uma coisa é certa: não pode ser estritamente mercantil, carece de algum tipo de intervenção governamental. Saúde não pode ser simplesmente e totalmente mercantilizada. Se a pandemia da covid-19 não estiver sendo suficiente para demonstrar isso, nada mais será.

No que diz respeito à política, as democracias precisam passar por mudanças tais que as blindem contra os ataques insidiosos dos interesses econômicos. Para ficar no campo que no caso em debate interessa, ciência e tecnologia (C&T), pesquisa e desenvolvimento (P&D) são assuntos de interesse público e, por isso, devem ser objetos de intervenção estatal. Não é aceitável, por exemplo, que os vultuosos investimentos em pesquisas para a descoberta de vacinas e a invenção de remédios sejam custos a serem plenamente repassados aos usuários dos produtos delas decorrentes, muito menos que a exploração de royalties e outros direitos sobre o conhecimento incidam sobre os preços de vacinas e medicamentos – afinal, todos têm direito à saúde e à vida, mas nem todos podem custear os insumos necessários para que este direito seja assegurado. Por definição, demanda é a necessidade que se apresenta ao mercado com poder de compra. Sem poder de compra, necessidade não se torna demanda e seu portador não tem acesso àquilo de que necessita.

Isso posto, fica claro que os tempos por vir, pós-pandemia, são tempos exigentes quando se tem em mente a garantia da vida e a preservação da saúde pública, como direitos humanos básicos. Exigentes inclusive para a produção, utilização produtiva e disseminação de conhecimento científico: é preciso seguir avançando no domínio da natureza para ampliar o reino da abundância de bens, serviços e confortos (agora com zelo para não destruir o meio ambiente, como tem sido feito); é preciso, além disso, avançar, com não menor rapidez, no conhecimento científico e filosófico da “natureza humana” – de imediato, barrar o avanço da limitada concepção do homem como animal estrita ou essencialmente econômico, destinado à produção e à troca tendentes à acumulação.

As áreas de conhecimento ligadas à saúde são aquelas em que mais claramente os dilemas e paradoxos, as

*Corresponding author: v.pires@unesp.br

“escolhas de Sofia”, do século XXI, estão postos, a pandemia flagrando este fato com muita clareza. Os diagnósticos e prognósticos que elas farão, que seus agentes apontarão e implementação, tão complexos e impactantes para todos, não poderão, respeitando-se a sabedoria, se limitarem à decadente disciplinaridade para serem concebidas e traçadas – Biológicas,

Exatas e Humanas são parceiras na geração e aplicação do conhecimento necessário para um mundo melhor, em que direto à vida e à saúde sejam garantidos a todos, nos limites das potencialidades de recursos do planeta, e não de acordo com as limitações impostas pela desigual distribuição de riqueza e de renda.